

# Entre a zombaria e o carnaval: representação política da África do Sul por meio de charges

Renata de Paula dos SANTOS<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer uma análise da representação política contemporânea na África do Sul pelo traço do chargista Zapiro, tendo como norte o fim do apartheid (1994). As charges são de 2008, 2010 e 2012. Os métodos utilizados foram a pesquisa historiográfica e bibliográfica e a análise do discurso chárstico. Como autores referenciais, destacam-se Propp (1992), e o conceito de riso de zombaria, e Bakhtin (1996), e as discussões acerca da carnavalização. Os resultados iniciais permitem observar críticas efetivas ao atual presidente Jacob Zuma, no campo público bem como no privado.

## PALAVRAS-CHAVE

África do Sul; Riso de zombaria; Carnavalização.

## Introdução

A África do Sul é uma república capitalista marcada por várias especificidades nos campos político, social e econômico. Durante quase cinco décadas (1948-1994), o país foi governado pelo regime do *apartheid*, sistema conduzido pelo preconceito e pela segregação racial. (MAGNOLI, 1998). A legislação posta em

prática pelo Partido Nacional Africânder (comandado pela elite branca, composto em sua grande maioria por descendentes de holandeses) determinou suas esferas de desenvolvimento. Entre as normas postas em prática, destacam-se a proibição de casamentos inter-raciais e a oferta de serviços públicos separados. Tomando por referência o quadro particular sul-africano, o trabalho da imprensa era dificultado pelas lideranças políticas. (MARINOVICH e SILVA 2003). Neste contexto, a charge surge como um elemento de comunicação que instaura a crítica social a partir do humor. Por meio do traço gráfico, característica que lhe é própria, a charge recria problemas políticos.

A justificativa deste estudo se apresenta neste âmbito: a charge, um formato de crítica política, dissertando sobre um sistema de governo com características particulares. O corpus de análise é constituído por quatro charges de Jonathan Shapiro (Zapiro) produzidas em 2008, 2010 e 2012, disponibilizadas no site *Africanartoons*. As imagens analisam a política contemporânea da África do Sul, com destaque às figuras do líder negro Nelson Mandela, do atual presidente Jacob Zuma e do partido político Congresso Nacional Africano (CNA).

As metodologias escolhidas foram a pesquisa bibliográfica e historiográfica e a análise do discurso chárstico. Os argumentos da charge serão observados a partir de Vladimir Propp (1992) e o conceito de riso

Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina. Especialista em Comunicação Popular e Comunitária e Mestranda em Comunicação pela mesma instituição. Bolsista da Capes. [renatapstos@hotmail.com](mailto:renatapstos@hotmail.com)

de zombaria e Mikhail Bakhtin e as discussões sobre a carnavalização. Em Propp (1992), o riso é compreendido como uma arma capaz de destruir a falsa grandeza das personalidades, neste caso lideranças políticas, submetidas ao escárnio. Em Bakhtin (1996), o carnaval é tomado como uma festa ritual marcada pela transgressão e pela inversão da ordem social. Autores como Eco (1989 e 2007), Magnoli (1998), Romualdo (2000) e Teixeira (2005) também estão entre os fios condutores da pesquisa.

As reflexões aqui apresentadas convergem para responder o seguinte problema de pesquisa: **Os conceitos de riso de zombaria (Propp) e de carnavalização (Bakhtin) podem ser aplicados às charges de Zapiro?** Com o intuito de produzir uma abordagem explicativa, o objetivo geral é analisar charges sul-africanas que contenham argumentos políticos bem delimitados e interpretá-las a partir das noções de riso de zombaria e de carnavalização. Como meios para chegar a este resultado, os objetivos específicos são: descobrir algumas características utilizadas por Zapiro para a construção dos seus argumentos; identificar e analisar quais fatos políticos estão representados nas charges escolhidas e descrever como os fatos foram recriados / rerepresentados pelo chargista.

Como considerações parciais encontradas com o desenvolvimento da pesquisa, observa-se a crítica a presidentes do período do *apartheid* e também aos chefes de estado posteriores a Nelson Mandela (democracia multirracial, 1994). As críticas de Zapiro consideram ações políticas e também atos privados de Jacob Zuma, apontando a relevância e a influência dos polí-

ticos enquanto pessoas públicas.

## **R**referencial teórico: Contribuições de Propp e Bakhtin para análise chárstica

Para a realização da análise é necessário referenciar os conceitos de charge, apartheid, riso de zombaria e carnavalização.

A charge é um formato jornalístico de bastante visibilidade. Localizado, via de regra, na página de opinião dos periódicos, a composição disserta sobre fatos de relevância no campo da política e da economia. Segundo Teixeira (2005), a charge recria problemas políticos com traços gráficos que lhe são próprios. O discurso chárstico – articulado pela combinação de textos e imagens – apresenta uma crítica mais direta e efetiva do que a encontrada no texto escrito, norteados pelos dogmas da objetividade e da imparcialidade jornalística. O formato, “incorpora o humor como linguagem que produz uma verdade cujo sentido está fora da realidade e além da razão.” (TEIXEIRA, 2005, p.74).

Edson Carlos Romualdo (2000) pontua que a charge jornalística, por focalizar uma realidade específica, apresenta uma limitação temporal. Conforme o assunto perde relevância no campo noticioso, a charge perde o seu espaço enquanto elemento comunicativo. É difícil a compreensão de um argumento chárstico deslocado do seu contexto, já que o formato apresenta personagens e fatos reais. A representação dos elementos humanos é marcada pela opinião do chargista por meio das caricaturas. Os traços hiperbólicos

são utilizados para apontar o tom crítico do discurso. A charge se diferencia dos outros formatos jornalísticos pela presença do humor. Mais do que um jogo de palavras, figuras de linguagem ou um apanhado de traços deformados, o humor é estruturante em sua constituição. Com o seu uso, o chargista tem a possibilidade de refletir ou refratar a realidade, tendo em vista que a argumentação chágica deriva de um processo marcadamente ideológico. O traço hiperbólico, a caricatura e as piadas ambíguas compõem um processo de contestação da ordem social. O semioticista Umberto Eco considera o humor como uma forma de **transgressão**. O humor tem a função simbólica de lançar por terra a ordem social. Eco propõe que o humor desconstrói os limites em um movimento de liberdade.

*Así, la realización del humor funciona como una forma de crítica social. El humor siempre es, se no metalingüístico, sí metasemiótico: a través del lenguaje verbal o algún otro sistema de signos, pone en duda otros códigos culturales. Si hay una posibilidad de transgresión, está más bien en el humor que en lo cómico. (ECO, 1989, p. 19).*

As características políticas e opinativas da charge foram condições elementares para a escolha deste formato, já que este trabalho aborda um sistema político altamente específico e marcado pelo racismo, o *apartheid*. A segregação racial, como medida pública de governo, foi iniciada na África do Sul em 1948. Baseado em uma legislação específica, o estado foi construído em rígidas bases marcadas pelas diferenças raciais. A edificação jurídica do sistema ocorreu em 1950, com a promulgação da Lei de Registro da População (*Population Registration Act*), determinada a

dividir os sul-africanos mediante um sistema racial e linguístico. A população foi separada em grupos básicos, tendo como ponto referencial a cor da pele. Os sul-africanos foram politicamente divididos em brancos, negros, mestiços e asiáticos (MAGNOLI, 1998).

O *apartheid* foi um sistema político-econômico baseado na negação jurídica da igualdade. Influenciado pelos conceitos nazistas de classe e de soberania racial, a legislação sul-africana foi um produto histórico que marchou na contramão dos ideais de modernidade. Por sua estrutura pautada na diferenciação racial, este modelo de governo criou um quadro de conflitos internos com características muito particulares. Em meados da década de 1950, durante seus primeiros anos de implantação, o *apartheid* foi visto pelo estado branco como um eficiente meio para a domesticação e submissão da força de trabalho, inserida e alicerçada no sistema capitalista (MAGNOLI, 1998). Em suma, a estrutura estatal sul-africana representou o domínio político e econômico da minoria branca sobre o restante da população.

O processo de enfraquecimento do sistema se iniciou em meados da década de 1980, após uma série de embargos políticos e econômicos. Em fevereiro de 1990, a libertação de Nelson Mandela representou o início da transição do país para uma democracia multirracial. O intervalo entre os anos 1990 e 1994 foi marcado pelas discussões sobre os rumos do país. No entanto, neste período um processo de guerrilha interna entre as etnias zulu (grupo apoiado pelo estado, conhecido como direita negra) e xhosa (partidários do CNA) foi instaurado. O *apartheid* permaneceu na África do Sul, enquanto sistema de governo até 1994. Neste mesmo ano, Mandela foi eleito presidente da

república no sistema de **um homem, um voto**. Marinovich e Silva (2003) narram que as eleições marcaram o fim de anos de repressão. Para a população negra esta foi a primeira oportunidade de opinar no processo eleitoral.

Tendo como ponto de partida a charge e tecendo algumas considerações sobre o contexto sócio-político em que ela se encontra, é possível encontrar materialidade na constatação de Romualdo (2000) ao apontar a charge como um elemento que se volta contra os poderosos. No entanto, a partir dos conceitos de riso de zombaria e de carnavalização pode-se investigar algumas referências para avaliar a composição dos seus argumentos.

Vladimir Propp foi um estruturalista russo que dedicou seus estudos à narratologia e à análise de contos de fadas. Em *Comicidade e Riso*, o autor estabelece uma classificação dos tipos de risos. Ao todo são apontados seis principais: **de zombaria, bom, mau/cínico, alegre, ritual e imoderado**. No entanto, por uma opção metodológica, a atenção será dedicada apenas ao primeiro tipo. Como o próprio nome já afirma, o riso de zombaria traz em si a matriz da zombaria e do deboche.

Justamente este [riso de zombaria] e, conforme foi visto, apenas este aspecto do riso está permanentemente ligado à esfera do cômico. Basta notar, por exemplo, que todo o vasto campo da sátira baseia-se no riso de zombaria. E é exatamente este tipo de riso o que mais se encontra na vida (PROPP, 1992, p.28).

Propp (1992) é enfático ao destacar que na arte o homem é retratado em aspectos de zombaria que podem ser estendidos também à vida. E cabe ao artista descobrir quais nuances devem ser acionadas para al-

cançar o riso. Para o autor, a comicidade é o resultado de uma correlação entre a natureza física e espiritual. Dessa forma, “ela [a comicidade] se encontra numa correlação das duas, onde a natureza física põe a nu os defeitos da natureza espiritual” (PROPP, 1992, p. 46). Ao comentar este conceito, Edson Carlos Romualdo (2000) destaca que o riso de zombaria, no discurso chágico, é provocado pelos defeitos da personagem ou da situação da qual se ri.

Em sua obra, *Comicidade e Riso*, Propp (1992) faz uma trajetória do riso no campo das artes. Citando Aristóteles, o autor afirma que naturalmente a comédia sempre foi vista como oposta à tragédia. Na mentalidade grega, a tragédia era prioritária e ocupava um lugar de destaque. O cômico, desta forma, se oporia àquilo que era belo e elevado. O autor atesta que ao definir o cômico, o que é mostrado, via de regra, são conceitos negativos. Ou seja:

[...] o cômico é algo baixo, insignificante, infinitamente pequeno, material, é o corpo, é a letra, é a forma, é a falta de idéias, é a aparência em sua falta de correspondência, é a contradição, é o contraste, é o conflito, é a oposição ao sublime, ao elevado, ao ideal, ao espiritual etc. etc. A escolha dos epítetos negativos que envolvem o conceito de cômico, a oposição do cômico e do sublime, do elevado, do belo, do ideal etc., expressa certa atitude negativa para com o riso e para com o cômico em geral e até certo desprezo (PROPP, 1992, p. 20).

Em virtude da negativa histórica do riso, a proposta de Propp (1992) é analisar o cômico em si mesmo, sem estabelecer uma relação com o trágico. Já que “o riso é uma arma de destruição: ele destrói a falsa auto-

ridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio” (PROPP, 1992, p. 46).

A relação do homem com o corpo é frequentemente usada para produzir o riso. O achar engraçado se dá a partir das deformidades e desproporções – narizes exagerados, bochechas grandes, orelhas de abano, composição da face inusitada. Outra possibilidade recorrente e que integra o corpus de análise deste trabalho é o homem com aparência de animal. Propp (1992) afirma que não são todas as representações de animais que são cômicas. Destaca-se:

Há animais cuja aparência, ou aspecto exterior, fazem-nos lembrar certas qualidades negativas dos homens. Por isso a representação de uma pessoa com aspecto de porco, macaco, gralha ou urso indica as qualidades negativas correspondentes do homem. A similitude com animais aos quais não são atribuídas qualidades negativas (a águia, o falcão, o cisne, o rouxinol) não provoca o riso. Daí a conclusão de que para as comparações humorísticas e satíricas são úteis apenas os animais que atribuem certas qualidades negativas que lembram as qualidades análogas do ser humano. Chamar uma pessoa com o nome de um animal qualquer é a forma mais difundida de injúria cômica tanto na vida como nas obras literárias. Porco, asno, camelo, gralha, cobra etc. são xingamentos comuns que suscitam o riso dos espectadores (PROPP, 1992, p.67).

Em *História da Feiura*, Umberto Eco (2007) também faz uma retrospectiva do papel do cômico na história ocidental. O semioticista aponta uma ligação direta entre a obscenidade, a feiura e a comicidade, iniciada ainda na Antiguidade. O deus Príapo, filho de Afrodite, dotado de um órgão genital enorme é uma

figura típica deste contexto. Por sua deformidade, Príapo possuía um status de deus menor; considerado ridículo e obsceno. Por estar distante da forma justa, era definido como feio. Para o autor, imagens ligadas ao sexo causam mal-estar na sociedade ocidental.

De fato, o ser humano mostra-se incomodado (pelo menos na sociedade ocidental) diante de tudo aquilo que é excrementício ou que é ligado ao sexo. Eles nos causam repugnância e, portanto, julgamos os excrementos feios (os dos outros, animais inclusive, muito mais que os nossos) e, em *O mal-estar na civilização* Freud observa que ‘os órgãos genitais em si mesmos, cuja visão é sempre excitante, nunca são, todavia, considerados belos’. Este mal-estar expressou-se através do pudor, ou seja, o instinto ou dever de abster-se de exibir e de fazer referência a certas partes do corpo e a certas atividades (ECO, 2007, p.131).

Outro recurso gráfico que é utilizado para provocar o riso é a paródia. Em Propp (1992), ela é tida como um dos instrumentos mais poderosos para a crítica social. A paródia torna-se cômica quando revela, traz à luz, as fragilidades interiores do parodiado. Para Propp (1992), a função deste elemento é o de satirizar as características individuais do representado. Já o exagero destas é próprio da caricatura. Recorrendo novamente a Umberto Eco (2007), deparamo-nos com a definição de caricatura enquanto uma das formas do cômico. Destaque-se a importância dos conceitos de paródia e de caricatura quando se trabalha com a charge:

A caricatura moderna, ao contrário, nasce como instrumento polêmico voltado contra uma pessoa real ou, no máximo, contra uma categoria social reco-

nhecível, e consiste em exagerar um aspecto do corpo (em geral, o rosto) para zombar ou denunciar, através de um defeito físico, um defeito moral. Neste sentido, a caricatura nunca tenta enfeitar o próprio objeto, mas sim enfeá-lo, enfatizando certos traços até a deformidade (ECO, 2007, p.152).

Tratando de temáticas muito semelhantes, Bakhtin, principalmente nos livros *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais* e *Problemas da poética de Dostoiévski*, discute a questão da carnavalização. Quando Bakhtin toma a noção de carnaval em seus estudos, ele se refere, pontualmente, às origens da festa, ou seja, discursa sobre a Antiguidade, a Idade Média e a Renascença (ROMUALDO, 2000). O carnaval é narrado em Bakhtin como uma festa onde não há divisão entre atores e espectadores. O carnaval não é, portanto, uma festa que deve ser observada, mas vivida. “Essa vida carnavalesca é uma vida diferente da cotidiana, pois ela desvia a ordem habitual, transformando-se em uma ‘vida às avessas’, ‘num mundo invertido’” (ROMUALDO, 2000, p. 51).

O carnaval caracteriza-se pela presença de figuras distanciadas do referencial do belo, como o gigante (com o seu corpo grotesco). As imagens carnavalescas destacam-se por sua apresentação inacabada e excepcionalidade. Robert Stam (1992) no livro *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa* integra o autor russo no contexto do cinema marginal brasileiro. O carnaval é descrito como uma festa simbólica reconhecida pelo questionamento lúdico das normas.

No carnaval, todas as distinções hierárquicas, todas as barreiras,

todas as normas e proibições são temporariamente suspensas, estabelecendo-se um novo tipo de comunicação, baseado no ‘contato livre e familiar’. O carnaval, para Bakhtin, gera um tipo especial de riso festivo. Mais do que uma reação individual a um evento cômico isolado, é uma espécie de alegria cósmica, de âmbito universal, dirigido a tudo e a todos, inclusive aos participantes do carnaval. Para Rabelais e para o espírito carnavalesco em geral, o riso tem um profundo significado filosófico; é um ponto de vista particular sobre a experiência, não menos profundo que a seriedade. É uma vitória sobre o medo que torna comicamente grotesco tudo o que aterroriza. O riso popular festivo triunfa sobre o pânico sobrenatural, sobre o sagrado, sobre a morte; provoca a queda simbólica de reis, de nobrezas opressoras, de tudo o que sufoca e restringe. Em Rabelais, o riso assumiu o papel de uma nova consciência, uma consciência crítica, através da qual o dogmatismo e o fanatismo eram ridicularizados. A filosofia de Rabelais, para Bakhtin, não deve ser procurada nos trechos em que ele parece mais sério, mas sim quando ele ri com mais vontade (STAM, 1992, p. 44).

Bakhtin (1996) destaca como as quatro características mais marcantes do estilo grotesco o exagero, o hiperbolismo, a profusão e o excesso. Ao analisar o contexto de Rabelais, o autor descreve que o exagero tem a função de romper todos os limites. Também durante o carnaval, Bakhtin pontua a hierarquia corporal às avessas, ou seja, o baixo ocupa o lugar do alto. A palavra e o pensamento não mais se estruturam na boca e na mente, mas no ventre. O poder corporal destrona as concepções oriundas do mundo medieval, como a fé, os santos e suas relíquias. A este respeito, Stam (1992, p.45) apregoa que:

Quando focaliza a vida corpórea

(cópula, nascimento, defecação) o carnaval oferece uma suspensão temporária da proibição e do tabu, transferindo tudo o que é espiritual, ideal e abstrato para o nível material, para a esfera da terra e do corpo. Os excrementos tornam-se uma expressão literal daquilo que Bakhtin chama de “estrato físico material mais baixo”. Em Rabelais, os produtos da parte inferior do corpo baixo, a merda e a urina, aparecem em quantidades hiperbólicas e dimensões cósmicas.

O intuito desta pesquisa, portanto, é avaliar se as características aqui pontuadas estão presentes no universo chárstico, provocando assim uma reação à política vigente.

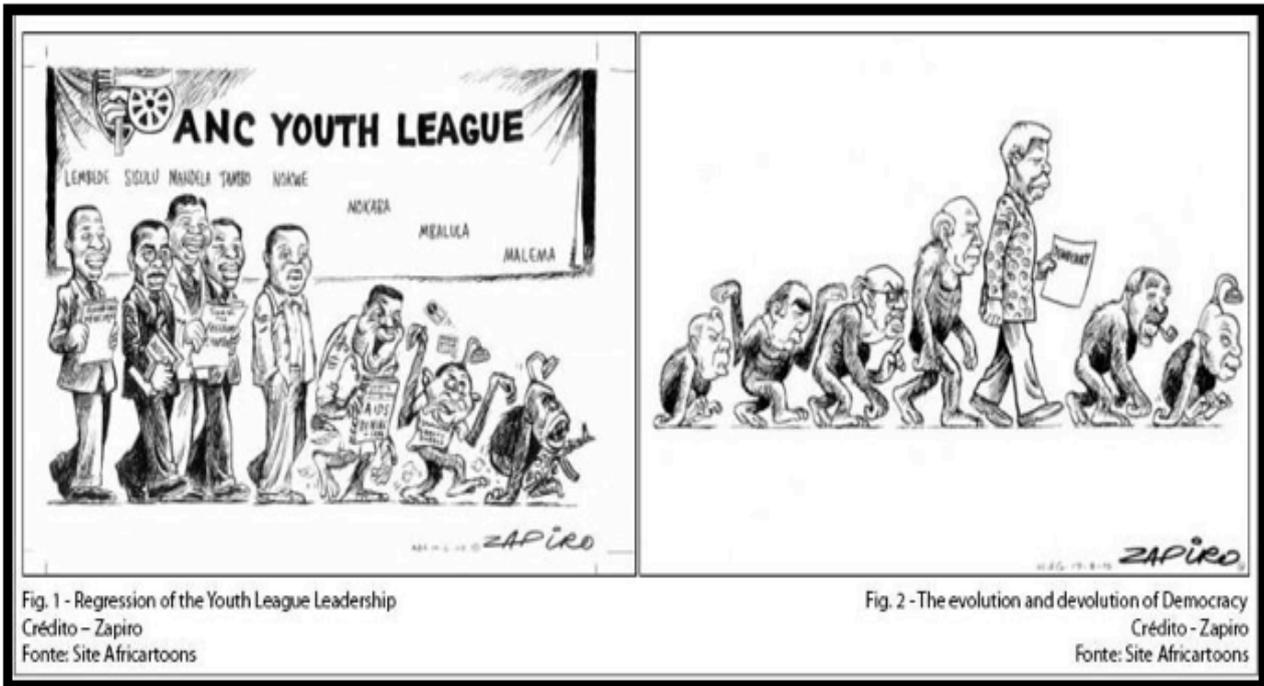
## **Materiais e métodos: Representações sul-africanas pelo traço de Zapiro**

O *corpus* de análise deste artigo é composto por quatro charges do sul-africano Jonathan Shapiro, popularmente conhecido como Zapiro, produzidas entre os anos de 2008, 2010 e 2012. Como métodos de pesquisa serão utilizados a pesquisa bibliográfica e historiográfica e a análise do discurso chárstico. Os argumentos das charges serão interpretados a partir das noções de riso de zombaria de Vladímir Propp e de carnavalização de Mikhail Bakhtin.

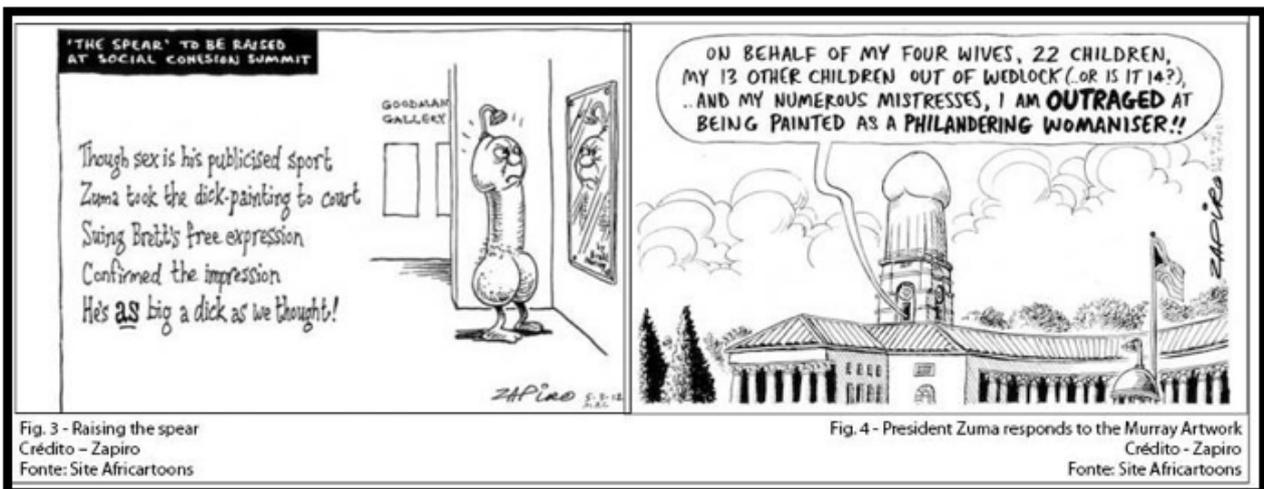
O objetivo é identificar nos quadros de análise os seguintes elementos: celebração do corpo grotesco, excessivo e das partes inferiores; inversão e crítica social, subversão simbólica do poder e mundo “às avessas”; imagem do mundo popular e presença da esperança política; valorização do obsceno; dessacralização política e representações de zombaria; utilização de

paródias e caricaturas e destaque aos defeitos da natureza espiritual. Caso o chargista tenha lançado mão de correlações paradigmáticas e sintagmáticas, ainda que elas não sejam o foco principal da análise, serão apresentadas. As charges serão divididas em dois quadros de análise, o intuito é fazer essa seleção por temas e datas. O primeiro quadro (Figuras 1 e 2) é composto pelas charges *Regression of the Youth League Leadership* (2008) e *The evolution and devolution of Democracy* (2010). O segundo (Figuras 2 e 3) reúne duas sátiras de 2012: *Raising the spear* e *President Zuma responds to the Murray Artwork*. As charges dissertam sobre a política contemporânea da África do Sul, com destaque às figuras do líder negro Nelson Mandela, do atual presidente Jacob Zuma e do partido político Congresso Nacional Africano (CNA).

Quadro de análise 1:



Quadro de análise 2:



## Resultados e discussão.....

No transcorrer da análise, várias similaridades entre as proposições de Bakhtin e de Propp foram encontradas. Em virtude destas semelhanças e do espaço reduzido do artigo, os resultados e as discussões serão aplicados de forma blocada. Como já foi mencionado anteriormente, este artigo se propõe a responder a seguinte questão: Os conceitos de riso de zombaria (Propp) e de carnavalização (Bakhtin) podem ser aplicados às charges de Zapiro? Para isso, categorias foram desenvolvidas no decorrer da pesquisa e aplicada às quatro charges sul-africanas posteriores ao fim do *apartheid*.

O primeiro quadro de análise (figuras 1 e 2) disserta sobre as lideranças políticas sul-africanas, mas em âmbitos distintos: a figura 1 se refere à direção da Liga Jovem do Congresso Nacional Africano, o braço armado do partido criado na década de 1960 por Nelson Mandela e Oliver Tambo. O intuito da Liga Jovem era combater fisicamente a repressão racial do partido africânder. Zapiro critica, a partir do paradigma da evolução das espécies de Charles Darwin, o declínio da representação política do grupo. Já na figura 2, publicada em 2010, o mesmo paradigma é mantido. Mas, desta vez, Zapiro trabalha com uma escala composta: evolução, até chegar a Nelson Mandela (1994-1999), e declínio após seu distanciamento da vida pública. O ano de 2010 é bastante referencial para a história contemporânea da África do Sul, além de marcar o primeiro ano de mandato de Jacob Zuma, presidente negro do CNA, eleito apesar de não ser uma unanimidade dentro do partido, foi

o ano em que o país recebeu a Copa do Mundo de Futebol.

Por meio da análise do discurso chágico no quadro 1 com as aplicações de Propp, pode-se perceber o exagero voluntário do chargista por meio da caricaturização dos personagens. Apesar da manutenção dos rostos, os corpos foram transformados em primatas. Tal animalização sugere uma descentralização política intencional e bem marcada. O paradigma da evolução das espécies reforça a condição de primatas e humanos e sua relação – indicando assim, sabedoria, inteligência e emancipação política às espécies mais evoluídas na cadeia natural. Recorrendo aos preceitos bakhtinianos, as figuras 1 e 2 propõem a quebra da ordem vigente – tanto no comando da Liga Jovem quanto do país. Percebe-se que a crítica não se limita à política de segregação racial, já que os presidentes indicados à frente de Nelson Mandela (figura 2) também são negros, com passado de militância política e crítica ao apartheid. Tanto em Propp (1992) quanto em Bakhtin (1996) percebe-se um mal-estar com o rumo traçado pelos líderes do país, além do anseio permanente por mudança. A categoria imagem do mundo popular e presença da esperança política foi marcada durante a análise, considerando a presença de Nelson Mandela e sua história de militância. No entanto, a esperança se distancia após sua privação da vida pública no início dos anos 2000. Nas figuras citadas, o destaque aos defeitos da natureza espiritual dos personagens é recorrente.

No quadro de análise 2 são apresentadas as figuras 3 e 4, relativas ao ano de 2012. As charges discutem a vida pessoal de Jacob Zuma e a realiza-

ção de seu sexto matrimônio. Ainda que a poligamia seja uma prática permitida no território sul-africano, o atual presidente tem sido criticado sucessivamente em decorrência do alto número de casos de AIDS no país. Os órgãos de imprensa cobram do chefe de estado uma postura mais exemplar, já que relações sexuais com múltiplos parceiros aumenta a chance de contaminação e disseminação do vírus.

Tanto a figura 3 quanto a 4 tiveram como motivação a obra de arte “A Lança”. O quadro é uma paródia do famoso cartaz do revolucionário Vladimir Lenin (figura 5), onde Zuma é representado com os órgãos genitais expostos. A pintura integrou uma exposição sobre o CNA. O fato causou polêmica no país, os líderes do partido afirmaram que tomariam medidas legais contra os organizadores da mostra.



Assim como a tela, as charges foram consideradas ofensivas por Jacob Zuma e pelo CNA. Zapiro é o chargista sul-africano mais conhecido fora do país.

Militante contrário ao apartheid, ele não se furtou ao criticar o partido no poder na África do Sul, ainda que este seja reconhecido por seu passado de lutas e militância. Esta não é a primeira vez que Zapiro se envolve em problemas judiciais motivados pelas charges: em novembro de 2012, Jacob Zuma desistiu de uma batalha judicial com o chargista após seis anos. Nas figuras 3 e 4, como comenta Bakhtin (1996), o obsceno ganhou dimensões hiperbólicas. As críticas a Zuma não se limitaram à sua figura, mas se estenderam a residência presidencial. Representar o chefe de estado como um pênis sugere uma quebra total da ordem vigente. Em Eco (1989), tal fato pode ser considerado como o ponto alto da transgressão. Assim como Nelson Mandela, Jacob Zuma também é um presidente com história de militância. No entanto, sua imagem tem sido sucessivamente ligada a escândalos de corrupção e até mesmo uma acusação de estupro.

Sua presença como chefe do executivo, na visão de Zapiro e de vários outros chargistas, não significa avanços para o desenvolvimento do país. As paródias e a caricatura utilizadas por Zapiro tiveram o intuito de inverter simbolicamente o poder. Ao mesmo tempo em que a autoridade de Zuma, enquanto chefe de estado, é mencionada, por meio da forma como está representada na charge, ela é reduzida ou até mesmo retirada. O mundo é invertido e o presidente é dessacralizado.

Ainda que durante a análise não tenha sido desenvolvida nenhuma categoria específica para a problematização do texto, o seu discurso também foi avaliado. Considera-se, portanto, que a relação

texto + imagem (principalmente no quadro de análise 2 – figuras 3 e 4) fortalece a mensagem visual desenvolvida pelo chargista. As construções textuais elencadas por Zapiro propiciaram a crítica e descaracterização pública de Jacob Zuma. O texto também é uma marcação ideológica e pode ser acionado para a confirmação dos argumentos, reduzindo assim a ambiguidade da imagem.

Para facilitar a compreensão desta análise, uma tabela (tabela 1) estabelece uma relação entre as quatro charges e as categorias criadas.

	<b>Quadro de análise 1</b>	<b>Quadro de análise 2</b>
<i>Chargista: Zapiro</i> <i>Fonte: Site Africartoons</i>	<i>Fig. 1: Regression of the Youth League Leadership (2008)</i> <i>Fig. 2: The evolution and devolution of Democracy (2010)</i>	<i>Fig. 3: Raising the spear (2012)</i> <i>Fig. 4: President Zuma responds to the Murray Artwork (2012)</i>
	<b>Riso de zombaria (Vladimir Propp) / Carnavalização (Mikhail Bakhtin)</b>	<b>Riso de zombaria (Vladimir Propp) / Carnavalização (Mikhail Bakhtin)</b>
<b>Celebração do corpo grotesco, excessivo e das partes inferiores</b>	Fig. 1: Animalização das formas. Homem representado como macaco. Fig. 2: Animalização das formas. Homem representado como macaco.	Fig. 3: Representação do presidente Zuma como pênis Fig. 4: Residência presidencial com torre em forma de pênis.
<b>Inversão e crítica social, subversão simbólica do poder e mundo “às avessas”</b>	Fig. 1: Declínio político das lideranças do CNA. Desmoralização política. Fig. 2: Crítica política anterior e posterior a Nelson Mandela. Críticas pessoais e políticas.	Fig. 3: Crítica à vida privada e pública do presidente. Fig. 4: Crítica à vida privada e pública do presidente. Excesso de relacionamentos.
<b>Imagem do mundo popular e presença da esperança política</b>	Fig. 1: Imagem popular fortalecida e criticada. Animalização. Mundo às avessas criticado. Fig. 2: Elogios a Nelson Mandela.	Fig. 3: Ex-líder negro. Atos contestáveis. Fig. 4: Ex-líder negro. Atos contestáveis.
<b>Valorização do obsceno</b>	Fig. 1: Não Fig. 2: Não	Fig. 3: Órgãos genitais. Fig. 4: Órgãos genitais.
<b>Dessacralização política e representações de zombaria</b>	Fig. 1: Sim. Críticas a lideranças do CNA. Fig. 2: Sim. Críticas a presidentes anteriores e posteriores a Nelson Mandela.	Fig. 3: Quebra da autoridade do presidente. Críticas diretas. Fig. 4: Quebra da autoridade do presidente. Críticas diretas.
<b>Utilização de paródias e caricaturas</b>	Fig. 1: Sim. Paródia - Teoria da Evolução das Espécies (Darwin). Caricaturas: líderes do CNA Fig. 2: Sim. Paródia - Teoria da Evolução das Espécies (Darwin). Caricaturas: presidentes	Fig. 3: Sim. Caricatura do presidente Zuma. Fig. 4: Sim. Paródia da residência presidencial.
<b>Destaque aos defeitos da natureza espiritual</b>	Fig. 1: Sim. Má conduta e corrupção. Fig. 2: Sim. Racismo, má administração e corrupção.	Fig. 3: Vida privada conturbada. Fig. 4: Vida privada conturbada.
<b>Similaridades: eixo do sintagma e do paradigma entre as figuras 1 e 2</b>	Paradigma: recorrência a imagens animalizadas e melhoria / piora. (Metáfora: Macacos; Evolução das Espécies) Sintagma: ordenação (Metonímia: disposição crescente / decrescente)	Paradigma: recorrência de formas fálicas.
<b>Semelhanças entre figuras do quadro de análise</b>	- Argumentos críticos; - Valorização da figura de Nelson Mandela; - Caricaturas, paródias, subversão da ordem política.	- Argumentos críticos; - Caricaturas, paródias, subversão da ordem política; - Crítica ao presidente Zuma;

Tabela1: Análise das charges de Zapiro por meio dos referenciais teóricos de Propp e Bakhtin.

Fonte: A autora

## Considerações finais.....

No decorrer desta análise, muitas semelhanças entre os conceitos de riso de zombaria e de carnavalização foram encontradas. Estes resultados de pesquisa, que apontaram representações chágicas muito próximas da ideia de grotesco presente nestes autores, serão de grande importância para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Acredita-se, portanto, que o exagero intencional das formas, bem como as imagens obscenas e animalizadas, tem o intuito de reforçar a opinião de Zapiro (e da parcela da sociedade que ele representa) sobre a política contemporânea da África do Sul. Principalmente nas figuras 1 e 2, é possível notar o uso de paradigmas (repertório social) para a constituição dos argumentos. As críticas migram do campo político para o pessoal e contestam os rumos pelos quais o país tem sido conduzido.

A partir das referências teóricas aqui problematizadas e debatidas, considera-se que a charge tem o poder político e comunicativo de revelar os defeitos escondidos dos sujeitos representados (defeitos espirituais – Propp) e de inverter simbolicamente o mundo que ela representa (mundo às avessas – Bakhtin). A charge trabalha com o que é considerado fora da norma em cada indivíduo e assim estabelece sua crítica. Com os resultados obtidos neste artigo, acredita-se que a charge é uma forma que auxilia nos tensionamentos sociais. A crítica é fundamentada na relação que o chargista cria entre o texto e o traço. Esta pesquisa não pretendeu analisá-los separadamente,

mas o que eles produzem juntos.

No caso particular da África do Sul, do apartheid e da política de segregação foi possível notar críticas a diversas lideranças políticas do país. Por meio de seus argumentos, Zapiro colocou em dúvida códigos culturais intensamente difundidos. (ECO, 1989). Com base no que foi apresentado até aqui, destaca-se que os conceitos de riso de zombaria e de carnavalização foram percebidos no corpus deste artigo. Observar críticas jornalísticas e de outros veículos de comunicação auxilia na compreensão do desenvolvimento histórico do país, tendo em vista que a democracia multirracial é um fenômeno ainda recente na África do Sul, data de 1994.

## Referências.....

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Editora da Universidade de Brasília / HUCITEC, 1996. 3ª ed.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chaves*. São Paulo: Contexto, 2006.

CARLIN, John. *Conquistando o Inimigo – Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul*. Tradução de Teresa Carneiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

DRIGO, Maria Ogécia; SOUZA, Luciana Coutinho Plagiarini de. *A charge política jornalística como processo sógnico*. Disponível em: [http://www.unisinos.br/\\_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=7&s=9&a=64](http://www.unisinos.br/_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=7&s=9&a=64). Acesso em: 10 de abril de 2011, às 22h15.

ECO, Umberto. *Los marcos de la libertad cómica*. In: *Carnaval*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

\_\_\_\_\_. *História da Feiúra*. Rio de Janeiro (RJ) Brasil / Bompiani, Itália: Editora Record, 2007.

MAGNOLI, Demétrio. *África do Sul: capitalismo e apartheid*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1998.

MARINOVICH, Greg; SILVA, João. *O Clube do Banguê-Banguê: instantâneos de uma guerra oculta*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP-16MIANI.PDF>. Acesso em: 10 de abril de 2011, às 15h21.

\_\_\_\_\_. As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista. Assis, SP: Unesp/Campus Assis, 2005. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

PROPP, Vladimir. Comicidade e riso. São Paulo: Ática, 1992.

ROMUALDO, Edson Carlos. Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000

SANTOS, Renata de Paula dos. África do Sul e apartheid: análise imagética dos conflitos raciais de 1990 a 1994. 2010. 116 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo). Universidade Estadual de Londrina. Londrina.

STAM, Robert. Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Editora Ática, 1992.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005.

ZAPIRO. Regression of the Youth League Leadership. Disponível em: <http://africartoons.com/cartoon/3734>. Acesso em 10 de agosto de 2012, às 18h17.

\_\_\_\_\_. Raising the spear. Disponível em: <http://africartoons.com/cartoon/8114>. Acesso em 10 de agosto de 2012, às 14h57.

\_\_\_\_\_. President Zuma responds to the Murray Artwork. <http://africartoons.com/cartoon/7615>. Acesso em 03 de agosto de 2012, às 12h52.

\_\_\_\_\_. The evolution and devolution of Democracy. Disponível em: <http://africartoons.com/cartoon/3733>. Acesso em 01 de setembro, às 11h28.